

II. Heráclito de Éfeso

• Heráclito de Éfeso (sécs. VI-V a.C.) herda dos milésios o conceito de dinamismo universal, mas o aprofunda de modo conspícuo. "Tudo escorre" é a proposição emblemática de Heráclito, e indica o fato de que o devir é uma característica estrutural de toda a realidade.

"Tudo escorre",
o mundo
é dirigido
pela luta
dos contrários
que se compõe
em harmonia.
O princípio
é fogo/logos
→ § 1-5

Não se trata de devir caótico, mas de passagem dinâmica ordenada de um contrário ao outro: é uma guerra de opostos, que no conjunto se compõe em harmonia de contrários. O mundo é, portanto, guerra nos particulares, mas paz e harmonia no conjunto, como a harmonia do arco e da lira que nasce da composição equilibrada de forças e tensões opostas.

O princípio para Heráclito se identifica com o fogo, que é perfeita expressão do movimento perene, e justamente na dinâmica da guerra dos contrários (o fogo vive da morte do combustível, transformando-o continuamente em cinzas, mas se manifesta harmonicamente como chama de modo constante). O fogo está estreitamente ligado com o conceito de racionalidade (= *logos*), razão de ser da harmonia do cosmo.

Heráclito foi levado a salientar a alma em relação ao corpo, e também a assumir algumas posições órficas.

1 O "obscuro" Heráclito

Heráclito viveu entre os séculos VI e V a.C., em Éfeso. Tinha caráter desencontrado e temperamento esquivo e desdenhoso. Não quis de modo nenhum participar da vida pública: "Solicitado pelos concidadãos a elaborar leis para a cidade — escreve uma fonte antiga — recusou-se, porque ela já caíra em poder da má constituição." Escreveu um livro intitulado *Sobre a natureza*, do qual chegaram até nós numerosos fragmentos, talvez constituído de uma série de aforismos e intencionalmente elaborado de modo obscuro e com estilo que recorda as sentenças oraculares, "para que dele se aproximassem apenas aqueles que conseguiam" e o vulgo permanecesse longe.

Fez isso para evitar o desprezo e a caçada daqueles que, lendo coisas aparentemente fáceis, acreditam estar entendendo aquilo que, ao contrário, não entendem. Por esse motivo foi denominado "Heráclito, o obscuro".

Rosto atribuído a Heráclito (séc. VI-V a.C.),
em uma herma de Éfeso.



2 A doutrina do “tudo escorre”

Os filósofos de Mileto haviam notado o *dinamismo universal* das coisas, que nascem, crescem e perecem, bem como do mundo, ou melhor, dos mundos submetidos ao mesmo processo. Além disso, haviam pensado o dinamismo como característica essencial do próprio “princípio” que gera, sustenta e reabsorve todas as coisas. Entretanto, não haviam levado adequadamente tal aspecto da realidade ao nível temático. E é precisamente isso que Heráclito fez. “Tudo se move”, “tudo escorre” (*panta rhei*), nada permanece imóvel e fixo, tudo muda e se transmuta, sem exceção. Em dois de seus mais famosos fragmentos podemos ler: “Não se pode descer duas vezes no mesmo rio e não se pode tocar duas vezes uma substância mortal no mesmo estado, pois, por causa da impetuosidade e da velocidade da mudança, ela se dispersa e se reúne, vem e vai. (...) Nós descemos e não descemos pelo mesmo rio, nós próprios somos e não somos.”

É claro o sentido desses fragmentos: o rio é “aparentemente” sempre o mesmo, mas, “na realidade”, é constituído por águas sempre novas e diferentes, que sobrevivem e se dispersam. Por isso, não se pode descer *duas* vezes na *mesma* água do rio, precisamente porque ao se descer pela segunda vez já se trata de outra água que sobreveio. E também porque nós próprios mudamos: no momento em que completamos uma imersão no rio, já nos tornamos diferentes de como éramos quando nos movemos para nele imergir. Dessa forma, Heráclito pode muito bem dizer que nós entramos e não entramos no mesmo rio. E pode dizer também que nós *somos e não somos*, porque, para ser aquilo que *somos* em determinado momento, devemos *não-ser-mais* aquilo que éramos no momento anterior, do mesmo modo que, para *continuarmos a ser*, devemos continuamente *não-ser-mais* aquilo que somos em cada momento. E isso, segundo Heráclito, vale para *toda realidade*, sem exceção. **Texto 7 8**

3 A doutrina da “harmonia dos contrários”

Todavia, para Heráclito, isso é apenas a constatação de base, o ponto de partida para outras inferências, ainda mais pro-

fundas e argutas. O devir ao qual tudo está destinado caracteriza-se por contínua passagem de um contrário ao outro: as coisas frias se aquecem, as quentes se resfriam, as úmidas secam, as secas tornam-se úmidas, o jovem envelhece, o vivo morre, mas daquilo que está morto renasce outra vida jovem, e assim por diante. Há, portanto, guerra perpétua entre os contrários que se aproximam. Mas, como toda coisa só tem realidade precisamente no devir, a *guerra* (entre os opostos) se revela essencial: “A guerra é mãe de todas as coisas e de todas as coisas é rainha.” Trata-se, porém, de uma guerra que, ao mesmo tempo, é paz, e de um contraste que é, ao mesmo tempo, harmonia. O perene escorrer de todas as coisas e o devir universal revelam-se como *harmonia de contrários*, ou seja, como perene pacificação de beligerantes, permanente conciliação de contendores (e vice-versa): “Aquilo que é oposição se concilia, das coisas diferentes nasce a mais bela harmonia e tudo se gera por meio de contrastes”; “*harmonia dos contrários*, como a harmonia do arco e da lira.” Somente em contenda entre si é que os contrários dão sentido específico um ao outro: “A doença torna doce a saúde, a fome torna doce a saciedade e o cansaço torna doce o repouso”; “não se conheceria sequer o nome da justiça, se não existisse a ofensa.”

Essa “harmonia” e “unidade dos opostos” é o “princípio” e, portanto, Deus ou o divino: “Deus é dia-noite, é inverno-verão, é guerra-paz, é saciedade-fome.” **Texto 9**

4 Identificação do “princípio” com o fogo e com a inteligência

Heráclito indicou o fogo como “princípio” fundamental, e considerou todas as coisas como transformações do fogo. Também é evidente por que Heráclito atribuiu ao fogo a “natureza” de todas as coisas: o fogo expressa de modo exemplar as características de mudança contínua, do contraste e da harmonia. Com efeito, o fogo está continuamente em movimento, é vida que vive da morte do combustível, é contínua transformação deste em cinzas, fumaça e vapores, é perene “necessidade e saciedade”, como diz Heráclito a respeito de seu Deus.

Esse fogo é como “raio que governa todas as coisas”. E aquilo que governa todas as coisas é “*inteligência*”, é “*razão*”, é “*logos*”, é “*lei racional*”. Assim, a *idéia de inteligência*, que nos filósofos de Mileto estava apenas implícita, associa-se expressamente ao “princípio” de Heráclito. Um fragmento particularmente significativo sela a nova posição de Heráclito: “O Uno, o único sábio, quer e não quer ser chamado Zeus.” Não quer ser chamado Zeus se por Zeus se entende o deus de formas humanas próprio dos gregos; quer ser chamado Zeus se por esse nome se entende o Deus e o ser supremo.

Em Heráclito já emerge uma série de elementos relativos à verdade e ao conhecimento. É preciso estar atento em relação aos sentidos, pois estes se detêm na aparência das coisas. E também é preciso precaver-se quanto às *opiniões* dos homens, que estão baseadas nas aparências. A Verdade consiste em captar, para além dos sentidos, a inteligência que governa todas as coisas. E Heráclito sente-se como o profeta dessa inteligência — daí o caráter oracular de suas sentenças e o caráter hierático de seu discurso. **Texto 10**

5 Natureza da alma e destino do homem

Devemos ressaltar uma última idéia. Apesar da disposição geral de seu pensamento, que o levava a interpretar a alma como fogo e, portanto, a interpretar a alma sábia como a mais seca, fazendo a insensatez coincidir com a umidade, Heráclito escreveu, sobre a alma, uma das mais belas sentenças que chegaram até nós: “Jamais poderás encontrar os limites da alma, por mais que percorras seus caminhos, tão profundo é o seu *logos*.” Mesmo no âmbito de um horizonte “físico”, Heráclito, com a idéia da dimensão infinita da alma, abre uma fresta em direção a algo ulterior e, portanto, não físico. Mas é apenas uma fresta, embora muito genial.

Parece que Heráclito acolheu algumas idéias dos Órficos, afirmando o seguinte sobre os homens: “Imortais-mortais, mortais-imortais, vivendo a morte daqueles, morrendo a vida daqueles.” Essa afirmação parece expressar, na linguagem de Heráclito, a idéia órfica de que a vida do corpo é mortificação da alma e a morte do corpo é vida da alma. Ainda com os Órficos, Heráclito acreditava em castigos e prêmios depois da morte: “Depois da morte, esperam pelos homens coisas que eles não esperam nem imaginam.” Entretanto, não podemos estabelecer de que modo Heráclito procurava conectar essas crenças órficas com sua filosofia da *physis*. **Texto 11**



O filósofo Heráclito, retratado em atitude absorta. Considerado “obscuro” pelos seus aforismos herméticos, deixou-nos máximas de alta sabedoria, como as referentes à natureza e ao destino da alma humana.

V. Os Eleatas

e a descoberta do ser

• Parmênides de Eléia (sécs. VI-V a.C.), fundador da Escola eleática, no seu poema *Sobre a natureza*, que se tornou célebre, descreve três vias de pesquisa:

- 1) a da verdade absoluta;
- 2) a das opiniões falazes;
- 3) a da opinião plausível.

Parmênides:
o ser
não pode
não ser;
o não-ser
não pode ser
e o devir
não existe
→ § 1

A primeira via afirma que "o ser existe e não pode não existir", e que "o não-ser não existe", e disso tira toda uma série de conseqüências. Primeiramente, fora do ser não existe nada e, portanto, também o pensamento é ser (não é possível, para Parmênides, pensar o nada); em segundo lugar, o ser é não-gerado (porque de outro modo deveria derivar do não-ser, mas o não-ser não existe); em terceiro lugar, é incorruptível (porque de outro modo deveria terminar no não-ser). Além disso, não tem passado nem futuro (de outro modo, uma vez passado, não existiria mais, ou, na espera de ser no futuro, ainda não existiria), e portanto existe em um eterno presente, é imóvel, é homogêneo

(todo igual a si, porque não pode existir mais ou menos ser), é perfeito (e portanto pensável como esferiforme), é limitado (enquanto no limite se via um elemento de perfeição) e uno. Portanto, aquilo que os sentidos atestam como em devir e múltiplo, e conseqüentemente tudo aquilo que eles testemunham, é falso.

A segunda via é a do erro, a qual, confiando nos sentidos, admite que exista o devir, e cai, por conseguinte, no erro de admitir a existência do não-ser.

A terceira via procura certa mediação entre as duas primeiras, reconhecendo que também os opostos, como a "luz" e a "noite", devam identificar-se no ser (a luz "é", a noite "é", e portanto ambas "são", ou seja, coincidem no ser). Os testemunhos dos sentidos devem, portanto, ser radicalmente repensados e redimensionados em nível de razão.

• Zenão de Eléia (sécs. VI-V a.C.), discípulo de Parmênides, defendeu a teoria do mestre, e em particular a tese da não existência do movimento e da multiplicidade, mostrando a inconsistência e a contraditoriedade das posições dos adversários (ou seja, daqueles que admitiam a pluralidade e o movimento das coisas).

Zenão:
os absurdos
em que cai
quem admite
multiplicidade
e movimento
→ § 2

Criou o método da "refutação dialética" da tese oposta à tese que se quer sustentar, aquilo que depois se chamará de "demonstração pelo absurdo".

Muito famosos se tornaram alguns argumentos seus, em particular o chamado "de Aquiles" e o "da flecha".

• Melisso de Samos (sécs. VI-V a.C.) desenvolve e completa o pensamento de Parmênides. Sustenta que o ser é *infinito* tanto espacialmente, enquanto

Melisso:
o ser é uno,
infinito,
incorpóreo
→ § 3

não existe nada que o possa delimitar, como numericamente, enquanto é uno e tudo, e também cronologicamente, enquanto "sempre era e sempre será". Por estes motivos é definido também "incorpóreo", acentuando o fato de que ele é privado das formas e dos limites que determinam os corpos (é privado, isto é, das conotações que caracterizam os corpos enquanto tais).

1 Parmênides e seu poema sobre o ser

Parmênides nasceu em Eléia (hoje Velia, entre Punta Licosa e Cabo Palinuro) na segunda metade do séc. VI a.C. e morreu em meados do séc. V a.C. Em Eléia fundou a Escola chamada justamente Eleática, destinada a ter grande influência sobre o pensamento grego. O pitagórico Amínias encaminhou-o para a filosofia. Diz-se que foi político ativo, dotando a cidade de boas leis. Do seu poema *Sobre a natureza* sobreviveram até nossos dias o prólogo inteiro, quase toda a primeira parte e fragmentos da segunda.

No âmbito da filosofia da *physis*, Parmênides se apresenta como inovador radical e, em certo sentido, como pensador revolucionário. Efetivamente, com ele, a cosmologia recebe como que um profundo e be-

néfico abalo do ponto de vista conceitual, transformando-se em uma *ontologia* (teoria do ser).

Parmênides põe sua doutrina na boca de uma deusa que o acolhe benignamente. (Ele imagina ser levado à deusa por um carro puxado por velozes cavalos e em companhia das filhas do Sol, que, alcançando primeiro o portão que leva às sendas da Noite e do Dia, convencem a Justiça, severa guardiã, a abri-lo e depois, ultrapassando a soleira fatal, é guiado até a meta final.)

A deusa (que, sem dúvida, simboliza a verdade que se revela) indica três vias:

- 1) a da verdade absoluta;
- 2) a das opiniões falazes (a *doxa* falaz), ou seja, a da falsidade e do erro;
- 3) finalmente, uma via que se poderia chamar da opinião plausível (a *doxa* plausível).

Percorreremos esses caminhos junto com Parmênides. **Texto 19**

1.1 A primeira via

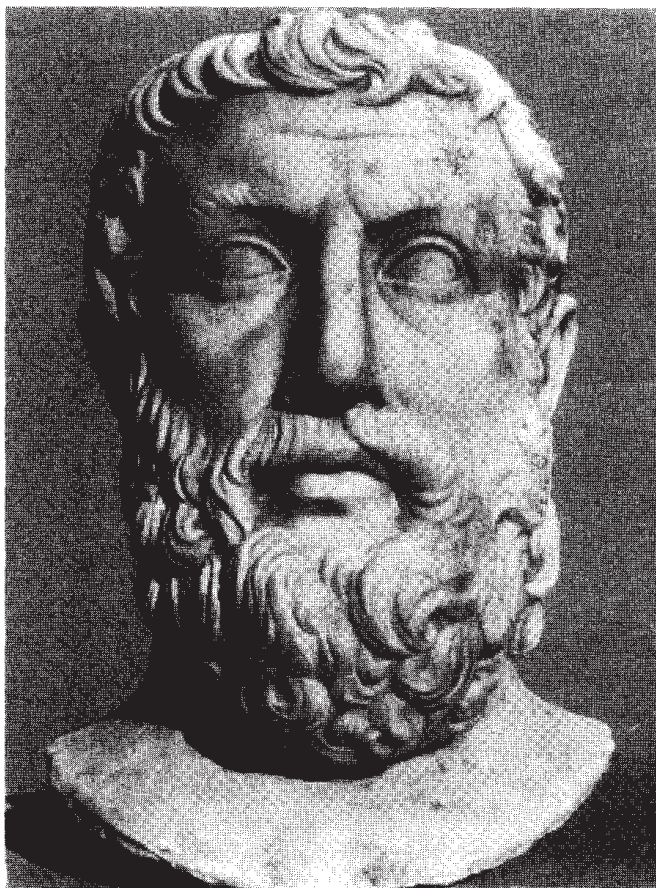
O grande princípio de Parmênides, que é o próprio princípio da verdade (o "sólido coração da verdade robusta"), é este: *o ser é e não pode não ser; o não-ser não é e não pode ser de modo nenhum*.

"Ser" e "não-ser", portanto, são tomados no significado integral e unívoco: o ser é o *positivo puro* e o não-ser é o *negativo puro*, um é o absoluto contraditório do outro.

De que modo Parmênides justifica esse seu grande princípio?

A argumentação é muito simples: tudo aquilo que alguém pensa e diz, *é*. Não se pode pensar (e, portanto, dizer) a não ser pensando (e, portanto, dizendo) aquilo que *é*. Pensar o nada significa não pensar de fato, e dizer o nada significa não dizer nada. Por isso, o nada é impensável e indizível. Assim, pensar e ser coincidem: "...pensar e ser é o mesmo".

Há muito que os intérpretes apontaram nesse princípio de Parmênides a primeira grande formulação do princípio da não-contradição, isto é, daquele princípio que afirma a impossibilidade de que os contraditórios coexistam ao mesmo tempo. E os dois contraditórios supremos são precisamente o "ser" e o "não-ser"; se existe o *ser*, é necessário que não exista o *não-ser*. Parmênides descobriu esse princípio sobretudo em sua valência ontológica; posteriormente, ele seria estudado também em suas valên-



Parmênides, que viveu em Eléia entre a segunda metade do séc. VI a.C. e a primeira metade do séc. V a.C., é o fundador da Escola eleática e o pai da ontologia ocidental.

cias lógicas, gnosiológicas e lingüísticas, constituindo o pilar principal de toda a lógica do Ocidente.

Tendo presente esse significado integral e unívoco com o qual Parmênides entende o ser e o não-ser e, portanto, o princípio da não-contradição, pode-se compreender muito bem os “sinais” ou as “conotações” essenciais, ou seja, os atributos estruturais do ser que, no poema, são pouco a pouco deduzidos com uma lógica férrea e com uma lucidez absolutamente surpreendente, a ponto de Platão ainda sentir seu fascínio, chegando a denominar nosso filósofo de “venerando e terrível”.

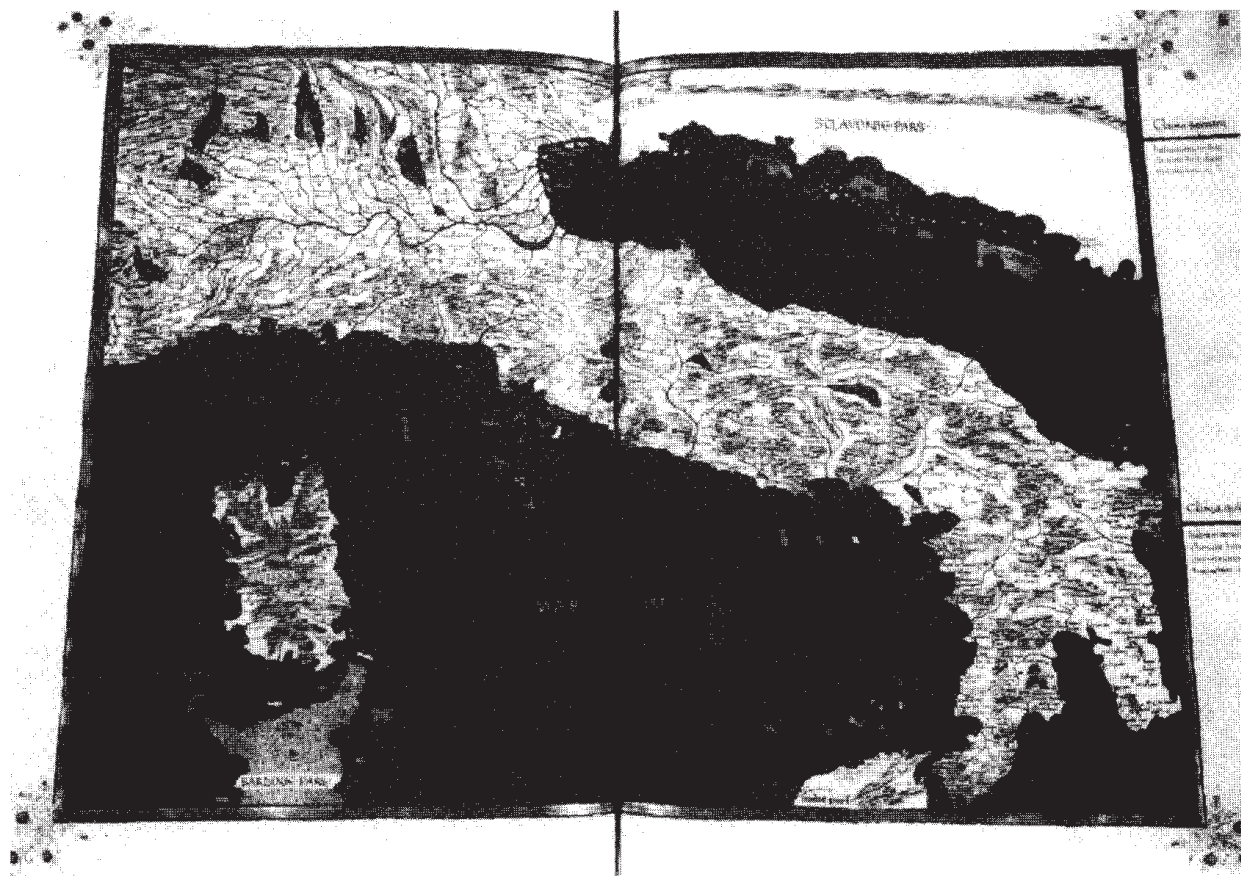
Em primeiro lugar, o ser é “não-gerado” e “incorruptível”. É não-gerado visto que, se fosse gerado, deveria ter derivado de um não-ser, o que seria absurdo, dado que o não-ser não existe, ou então deveria ter derivado do ser, o que é igualmente absurdo, porque então ele já existiria. E por essas mesmas razões também é impossível que o ser se corrompa.

O ser não tem, conseqüentemente, um “passado”, porque o passado é aquilo que *não existe mais*, nem um “futuro”, que *ainda não existe*, mas é “presente” eterno, sem início nem fim.

Por conseguinte, o ser é também imutável e imóvel, porque tanto a mobilidade quanto a mudança pressupõem um não-ser para o qual deveria se mover ou no qual deveria se transformar. Assim, o ser de Parmênides é “todo igual”; “o ser se amalgama com o ser”, sendo impensável um “mais de ser” ou um “menos de ser”, que pressuporiam uma incidência do não-ser.

Aliás, várias vezes Parmênides proclama seu ser como limitado e finito, no sentido de que é “completo” e “perfeito”. E a igualdade absoluta, a finitude e a completude lhe sugerem a idéia de esfera, ou seja, a figura que já para os Pitagóricos indicava a perfeição.

Tal concepção do ser postulava também o atributo da *unidade*, que Parmênides menciona de passagem, mas que será levado ao primeiro plano sobretudo por seus discípulos.



Em Eléia, na atual Basilicata, nasce Parmênides, ao redor do qual constituiu-se a Escola eleática, uma das mais significativas expressões do pensamento antigo.

Na imagem é reproduzida a Itália como descrita em um código grego, do séc. XIV, da Geografia de Ptolomeu, conservado na Biblioteca Ambrosiana de Milão.

A única verdade, portanto, é o ser não-gerado, incorruptível, imutável, imóvel, igual, esferiforme e uno. Todas as outras coisas não passam de nomes vãos:

“...por isso todos só nomes serão,
postos pelos mortais,
convictos de que eram verdadeiros:
nascer e perecer, ser e não-ser,
trocar de lugar e tornar-se luminosa cor”.

Texto 20

1.2 A segunda via

O caminho da verdade é o caminho da razão (a senda do dia), ao passo que o caminho do erro, substancialmente, é o caminho dos sentidos (a senda da noite). Com efeito, os sentidos pareceriam atestar o não-ser, à medida que parecem atestar a existência do nascer e do morrer, do movimento e do devir. Por isso, a deusa exorta Parmênides a não se deixar enganar pelos sentidos e pelo hábito que eles criam, contrapondo aos sentidos a razão e seu grande princípio:

“Afasta o pensamento
desse caminho de busca
e que o hábito nascido
de muitas experiências humanas
não te force, nesse caminho,
a usar o olho que não vê,
o ouvido que retumba e a língua:
mas, com o pensamento, julga a prova
que te foi fornecida com múltiplas refutações.
Um só caminho resta ao discurso:
que o ser existe”.

É evidente que anda pelo caminho do erro não só quem expressamente diz que “o não-ser existe”, mas também quem crê poder admitir juntos o ser e o não-ser e quem crê que as coisas passem do ser ao não-ser e vice-versa. Com efeito, essa posição (que é obviamente a mais difundida) inclui estruturalmente a anterior. Em suma: o caminho do erro resume todas as posições daqueles que, de qualquer modo, admitem expressamente ou fazem raciocínios que impliquem o não-ser, que, como vimos, *não existe*, porque impensável e indizível.

1.3 A terceira via

Mas a deusa fala também de um terceiro caminho, o das “aparências plausíveis”. Resumidamente, Parmênides teve de reco-

nhecer a liceidade de certo tipo de discurso que procurasse dar conta dos fenômenos e da aparência das coisas, com a condição de que tal discurso não se voltasse contra o grande princípio e não admitisse, juntos, o ser e o não-ser. Assim, entende-se por que, na segunda parte do poema (infelizmente, perdida em grande parte), a deusa fizesse uma exposição completa do “ordenamento do mundo conforme ele aparece”.

Mas como é possível dar conta dos fenômenos de modo plausível sem contrapor-se ao grande princípio?

As cosmogonias tradicionais foram construídas com base na dinâmica dos opostos, dos quais um fora concebido como positivo e como ser e o outro como negativo e como não-ser. Ora, segundo Parmênides, o erro está em não se ter compreendido que os opostos se devem pensar como incluídos na *unidade superior do ser*: ambos os opostos são “ser”. Assim, Parmênides tenta uma dedução dos fenômenos, partindo da dupla de opostos “luz” e “noite”, mas proclamando que “com nenhuma das duas está o nada”, ou seja, que ambas são “ser”.

Os fragmentos que nos chegaram são muito escassos para que possamos reconstruir as linhas dessa dedução do mundo dos fenômenos. Entretanto, está claro que nela, assim como o não-ser estava eliminado, também estava eliminada a morte, que é uma forma de não-ser. Efetivamente, sabemos que Parmênides atribuía sensibilidade ao cadáver, mais precisamente “sensibilidade para o frio, para o silêncio e para os elementos contrários”. O que significa que o cadáver, na realidade, não é tal. A obscura “noite” (o frio) em que o cadáver se encontra não é o não-ser, isto é, o nada; por isso, o cadáver permanece no ser e, de alguma forma, continua a sentir e, portanto, a viver.

É evidente, porém, que essa tentativa destinava-se a chocar-se contra insuperáveis aporias (isto é, problemas). Uma vez reconhecidas como “ser”, *luz* e *noite* (e os opostos em geral) deviam perder qualquer caráter diferenciador e tornar-se idênticas, precisamente porque ambas são “ser” e o ser é “todo idêntico”. O ser de Parmênides não admite diferenciações quantitativas nem qualitativas. Assim, enquanto assumidos no ser, os fenômenos não só se encontram igualizados, mas também imobilizados, como que petrificados na fixidez do ser.

Desse modo, o grande princípio de Parmênides, assim como foi por ele formu-

lado, salvava o ser, mas não os fenômenos. E isso ficará ainda mais claro nas posteriores deduções dos discípulos.

2 Zenão e o nascimento da dialética

2.1 Zenão e a defesa dialética de Parmênides

As teorias de Parmênides devem ter causado grande espanto e suscitado vivas polêmicas. Mas como, partindo do princípio já exposto, as conseqüências se impõem necessariamente e, portanto, suas teorias se tornam irrefutáveis, os adversários preferem adotar outro caminho, isto é, mostrar no concreto, com exemplos bem evidentes, que o movimento e a multiplicidade são inegáveis.

Quem procurou responder a essas tentativas foi Zenão, nascido em Eléia entre o fim do séc. VI e o princípio do séc. V a.C. Zenão foi homem de natureza singular, tanto na doutrina como na vida. Lutando pela liberdade contra um tirano, foi aprisionado. Submetido à tortura para confessar os nomes dos companheiros com os quais trama- ra o complô, cortou a língua com os próprios dentes e a cuspiu na face do tirano. Já uma variante da tradição diz que ele denunciou os mais fiéis partidários do tirano e, desse modo, fez com que fossem eliminados pela própria mão do tirano que, assim, se auto- isolou e se autoderrotou. Essa narração reflete maravilhosamente o procedimento dialético que Zenão seguiu na filosofia. De seu livro só nos chegaram alguns fragmentos e testemunhos.

Zenão, portanto, enfrentou de peito aberto as refutações dos adversários e as tentativas de ridicularizar Parmênides. O procedimento que adotou consistiu em fazer ver que as conseqüências derivadas dos argumentos apresentados para refutar Parmênides eram ainda mais contraditórias e ridículas do que as teses que pretendiam refutar. Ou seja, Zenão descobriu a refutação da refutação, isto é, a demonstração por absurdo. Mostrando o absurdo em que caíam as teses opostas ao Eleatismo, estava defendendo o próprio Eleatismo. Desse modo, Zenão fundou o método da dialética, usando-o com tal habilidade que maravilhou os antigos.

Seus argumentos mais conhecidos são os que refutam o movimento e a multiplicidade. Começemos pelos primeiros.

2.2 Os argumentos de Zenão contra o movimento

Pretende-se (contra Parmênides) que, movendo-se de um ponto de partida, um corpo possa alcançar a meta estabelecida. No entanto, isso não é possível. Com efeito, antes de alcançar a meta, tal corpo deveria percorrer a metade do caminho que deve percorrer e, antes disso, a metade da metade e, antes, a metade da metade da metade, e assim por diante, ao infinito (a metade da metade da metade... nunca chega ao zero).

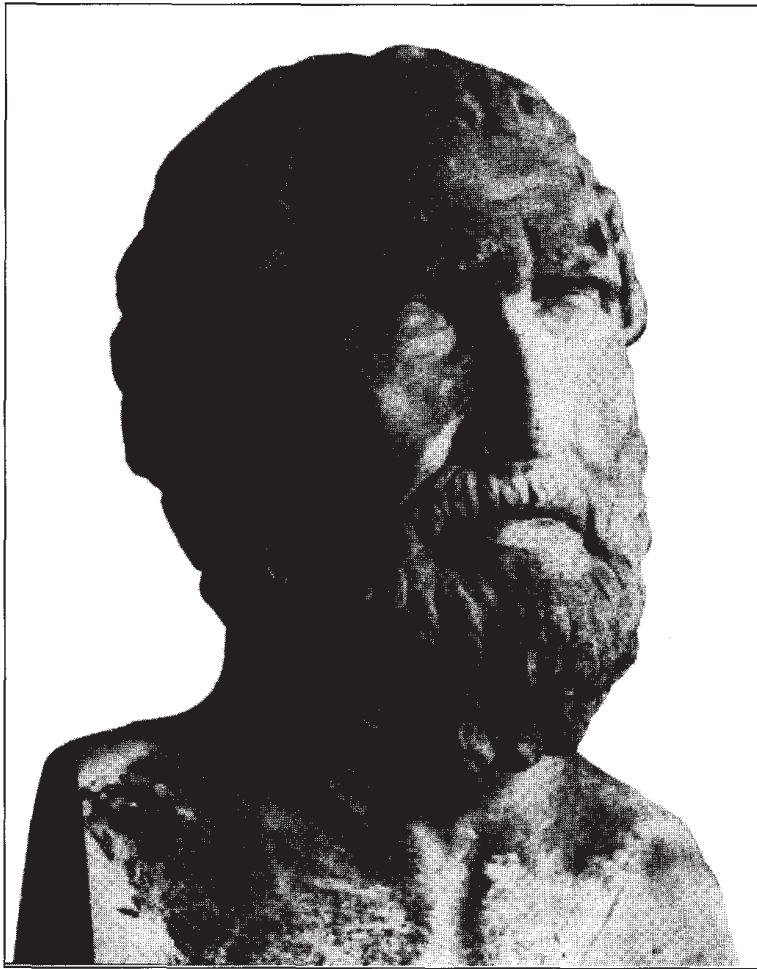
Esse é o primeiro argumento, chamado “da dicotomia”. Não menos famoso é o “de Aquiles”, o qual demonstra que Aquiles, conhecido por ser “o pé veloz”, nunca poderá alcançar a tartaruga, conhecida por ser muito lenta. Com efeito, caso se admitisse o oposto, se apresentariam as mesmas dificuldades vistas no argumento anterior.

Um terceiro argumento, chamado “da flecha”, demonstrava que uma flecha lançada do arco, que a opinião comum crê estar em movimento, na realidade está parada. Com efeito, em cada um dos *instantes* em que o tempo de voo é divisível, a flecha ocupa um espaço idêntico; mas aquilo que ocupa um espaço idêntico está em repouso; então, se a flecha está em repouso em cada um dos instantes, deve estar também na totalidade (na soma) de todos os instantes.

Um quarto argumento tendia a demonstrar que a velocidade, considerada como uma das propriedades essenciais do movimento, não é algo objetivo, mas sim relativo, e que, portanto, o movimento do qual é propriedade essencial também é relativo e não objetivo.

2.3 Os argumentos de Zenão contra a multiplicidade

Não menos famosos foram seus argumentos contra a multiplicidade, que levaram ao primeiro plano a dupla de conceitos múltiplos, que em Parmênides estava mais implícita do que explícita. Na maior parte dos casos, esses argumentos procuravam demonstrar que, para haver multiplicidade, deveria haver muitas *unidades* (dado que a



Busto conjecturalmente atribuído a Zenão de Eléia (que viveu nos sécs. VI-V a.C.) e conservado em Roma, nos Museus Vaticanos.

multiplicidade é precisamente *multiplicidade de unidades*). Mas o raciocínio (contra a experiência e os dados fenomênicos) demonstra que tais unidades são impensáveis, porque comportam insuperáveis contradições, sendo portanto absurdas e, por isso, não podem existir.

Outro argumento interessante negava a multiplicidade baseando-se sobre o comportamento contraditório que muitas coisas juntas têm em relação a cada uma delas (ou parte de cada uma). Por exemplo: caindo, muitos grãos fazem barulho, ao passo que um grão só (ou parte dele) não faz. Contudo, se o testemunho da experiência fosse verdadeiro, tais contradições não poderiam subsistir e um grão deveria fazer barulho (na devida proporção), como o fazem muitos grãos.

Longe de serem sofismas vazios, esses argumentos constituem poderosos empinos do *logos*, que procura contestar a própria experiência, proclamando a onipotência de sua lei. E logo teremos oportunidade de verificar quais foram os efeitos benéficos desses empinos do *logos*. **Texto 21**



Melisso de Samos e a sistematização do Eleatismo

Melisso nasceu em Samos entre fins do séc. VI e os primeiros anos do séc. V a.C. Foi marujo experiente e político hábil. Em 442 a.C., nomeado estratega por seus cidadãos, derrotou a frota de Péricles. Escreveu um livro *Sobre a natureza ou sobre o ser*, do qual alguns fragmentos chegaram até nós.

Em prosa clara e procedendo com rigor dedutivo, Melisso sistematizou a doutrina eleática, ao mesmo tempo em que a corrigiu em alguns pontos. Em primeiro lugar, afirmou que o ser deve ser "infinito" (e não finito, como dizia Parmênides), porque não tem limites temporais nem espaciais, e também porque, se fosse finito, deveria se limitar com um vazio e, portanto, com um não-ser, o que é impossível. Enquanto infinito, o ser também é necessariamente uno: "com efeito, se fossem dois, não poderiam

HERÁCLITO

7 "Tudo escorre" (panta rhei)

O dinamismo da realidade, implícito no pensamento dos três milenses, é explicitado por Heráclito de modo acentuado.

Eis seus três fragmentos mais célebres a respeito.

A quem desce no mesmo rio sobrevêm águas sempre novas.

Heráclito, fr. 12 Diels-Kranz.

Não se pode descer duas vezes no mesmo rio e não se pode tocar duas vezes uma substância mortal no mesmo estado, mas, por causa da impetuosidade e da velocidade da mudança se espalha e se reúne, vem e vai.

Heráclito, fr. 91 Diels-Kranz.

Descemos e não descemos no mesmo rio, nós mesmos somos e não somos.

Heráclito, fr. 49a Diels-Kranz.

8 O desenvolvimento da doutrina heraclitiana

Tal doutrina foi indevidamente levada por alguns seguidores às suas extremas consequências, como comprova este testemunho de Aristóteles.

Além disso, esses [aqueles que negam a possibilidade de alcançar a verdade], vendo que toda a realidade sensível está em movimento e que daquilo que muda não se pode dizer nada de verdadeiro, concluíram que não é possível dizer a verdade sobre aquilo que muda em todo sentido e de toda maneira. Dessa convicção derivou a mais radical das doutrinas mencionadas: a que professam aqueles que se dizem seguidores de Heráclito e que também Crátilo dividia. Este acabou por se convencer de que não se devia nem mesmo falar,

e se limitava a simplesmente mover o dedo, reprovando até Heráclito por ter dito que não é possível banhar-se duas vezes no mesmo rio: Crátilo, com efeito, pensava que não fosse possível nem mesmo uma vez.

Aristóteles, *Metafísica*, livro IV, 5.

A harmonia dos opostos segundo a qual o devir se desenvolve

Para Heráclito, o "tudo escorre" não era o ponto de chegada, mas o ponto de partida do qual se movia para alcançar uma ousada e importantíssima inferência.

É fato que o devir e, portanto, o ser, implica contínuo passar de um contrário ao outro e, portanto, ele pareceria a atuação de contínua luta dos contrários, como dizia Anaximandro; todavia, destes contrários, diz Heráclito, nasce uma harmonia e, portanto, maravilhosa síntese unitária.

Eis os mais célebres fragmentos, admiradíssimos em todos os tempos.

O conflito (*pólemos*) é pai de todas as coisas e rei de todas as coisas; a uns põe como deuses, a outros como homens, torna uns escravos e outros livres.

Heráclito, fr. 126 Diels-Kranz.

O que é oposição se concilia e das coisas diferentes nasce a mais bela harmonia, e tudo é gerado por via de contraste.

Heráclito, fr. 8 Diels-Kranz.

Eles [os que são ignorantes] não compreendem que aquilo que é diferente concorda consigo mesmo: harmonia de contrários, como a harmonia do arco e da lira.

Heráclito, fr. 51 Diels-Kranz.

A doença torna doce a saúde, a fome torna doce a saciedade e a fadiga torna doce o repouso.

Heráclito, fr. 111 Diels-Kranz.

Não conheceriam sequer o nome da justiça se não existisse a ofensa.

Heráclito, fr. 23 Diels-Kranz.

O caminho para cima e o caminho para baixo são o único e mesmo caminho.

Heráclito, fr. 60 Diels-Kranz.

Comum no círculo é o princípio e o fim.

Heráclito, fr. 103 Diels-Kranz.

A mesma coisa é o vivo e o morto, o desperto e o adormecido, o jovem e o velho, porque tais coisas, pela mutação, são aquelas e aquelas por sua vez, pela mutação, são estas.

Heráclito, fr. 88 Diels-Kranz.

Eis as conjunções: inteiro não-inteiro, concorde discorde, harmônico des-harmônico: e a partir de todas as coisas o uno e a partir do uno todas as coisas.

Heráclito, fr. 10 Diels-Kranz.

Não ouvindo a mim, mas ouvindo o logos, é sábio admitir que tudo é uno.

Heráclito, fr. 50 Diels-Kranz.

Deus é dia-noite, é inverno-verão, é guerra-paz, é saciedade-fome, e muda como o fogo quando se mistura aos perfumes e toma nome do aroma de cada um deles.

Heráclito, fr. 67 Diels-Kranz.



O fogo-inteligência, princípio supremo de todas as coisas

"Nada" mais que o "fogo", na dimensão física em que se colocava a filosofia de Heráclito, podia exprimir a perene mudança, o contraste-e-harmonia, a necessidade-e-saciedade, de que falam os fragmentos que temos.

É o fogo é o Deus-inteligência que sustenta e governa as coisas.

Todas as coisas são troca do fogo, e o fogo uma troca de todas as coisas, assim como as mercadorias são troca do ouro e o ouro uma troca das mercadorias.

Heráclito, fr. 90 Diels-Kranz.

Esta ordem, que é idêntica para todas as coisas, não foi feita por nenhum dos deuses nem dos homens, mas existia sempre e é e será fogo eternamente vivo, que segundo a medida se acende e segundo a medida se apaga.

Heráclito, fr. 30 Diels-Kranz.

O raio governa todas as coisas.

Heráclito, fr. 64 Diels-Kranz.

Mutações do fogo: em primeiro lugar mar, a metade dele terra, a metade vento ardente.

Heráclito, fr. 31 Diels-Kranz.

Sobrevindo, o fogo julgará e condenará todas as coisas.

Heráclito, fr. 66 Diels-Kranz.

O uno, único sábio, não quer e quer também ser chamado de Zeus.

Heráclito, fr. 32 Diels-Kranz.

A natureza humana não tem conhecimentos (*gnomas*), a natureza divina sim.

Heráclito, fr. 78 Diels-Kranz.

Existe uma só sabedoria: reconhecer a inteligência (*gnomen*) que governa todas as coisas através de todas as coisas.

Heráclito, fr. 45 Diels-Kranz.

11

Recepção e desenvolvimentos de pensamentos órficos em Heráclito

Heráclito retoma pensamentos órficos e os desenvolve por sua conta. Da alma ele diz que não tem confins, ou seja, que ultrapassa a dimensão do físico. Do homem diz que é mortal-imortal ou imortal-mortal, conforme o consideremos em seu corpo (mortal) ou em sua alma (imortal). E alude com clareza ao além.

Os confins da alma não poderás jamais encontrar, por mais que percorras seus caminhos, tão profundo é seu logos.

Heráclito, fr. 45 Diels-Kranz.

Imortais-mortais, mortais-imortais, vivendo a morte daqueles, morrendo a vida daqueles.

Heráclito, fr. 62 Diels-Kranz.

Depois da morte aguardam os homens coisas que eles não esperam nem imaginam.

Heráclito, fr. 27 Diels-Kranz.

Difícil é a luta contra o desejo, pois aquilo que ele quer ele o compra à custa da alma.

Heráclito, fr. 85 Diels-Kranz.

PARMÊNIDES

19 O proêmio do *Poema sobre a natureza*

No proêmio do poema, que é verdadeiramente sugestivo e muito abrangente, Parmênides imagina ser transportado, sobre um carro puxado por éguas prudentes e guiado por jovens filhas do Sol, das casas da noite para a luz e levado diante da deusa (que personifica a verdade), que lhe revela a própria verdade em seu complexo. Dike e Têmis, que se mencionam como forças que guiaram Parmênides, são as leis supremas do real e, portanto, do pensar e do viver, e neste sentido constituem as forças mais propícias que conduzem no caminho da verdade e impulsionam a percorrê-lo. Neste proêmio, nos últimos cinco versos, expõe-se também, por acenos, o mapa conceitual do pensamento do Eleata, ou seja, a distinção das três vias do conhecimento: a da verdade ("o coração sólido" da verdade), a da opinião falaz ("as opiniões dos mortais"), e a da opinião plausível ("como as coisas que aparecem era preciso que verdadeiramente existissem").

As éguas que me levam até onde meu desejo quer chegar,
me acompanharam, depois que me conduziram e me puseram no caminho que diz muitas coisas,
que pertence à divindade e que leva por todos os lugares o homem que sabe.
Fui levado para lá. Com efeito, lá me levaram prudentes éguas
puxando meu carro, e jovens indicavam o caminho.
O eixo das rodas soltava um silvo agudo,
inflamando-se — enquanto era premido por dois círculos que giravam
de uma parte e da outra —, quando apressavam o curso para acompanhar-me,
as jovens filhas do Sol, após deixar as casas da Noite,
para a luz, afastando com as mãos os véus da cabeça.
Lá está a porta dos caminhos da Noite e do Dia,
tendo nos dois extremos uma arquitrave e um limiar de pedra;
e a porta, erguida no éter, é fechada por grandes batentes.
Destes, Justiça, que muito pune, tem as chaves que abrem e fecham.
As jovens, então, dirigindo-lhe suaves palavras,
com prudência a persuadiram, a fim de que, para elas, a barra do ferrolho
sem demora tirasse da porta.
E esta, abrindo-se imediatamente,
produziu grande abertura dos batentes, fazendo girar
nos gonzos, em sentido inverso, os eixos de bronze
fixados com pregos e tachas. De lá, imediatamente, através da porta,
direto pela estrada principal as jovens guiaram carro e éguas.
E a deusa me acolheu benevolente, e com sua mão tomou minha mão direita,
e começou a falar assim e me disse:
"Ó jovem, tu que, companheiro de imortais guias,
com as éguas que te carregam chegas à nossa moradia,
alegra-te, pois não foi sorte infausta que te levou a percorrer
este caminho — com efeito,
ele está fora do caminho percorrido pelos homens —,
mas lei e justiça divinas. É preciso que aprendas tudo:
tanto o sólido coração da verdade bem redonda
como as opiniões dos mortais, nas quais não há verdadeira certeza.
É também isto aprenderás: como as coisas que aparecem
era preciso que verdadeiramente existissem, sendo todas em todo sentido".

Parmênides, *Poema sobre a natureza*, fr. 1.

A primeira parte do poema: a via da verdade

As palavras da deusa que concluem o prólogo deixam claro que são três as vias sobre as quais procede o pensamento humano:

- 1) a da pura verdade;
- 2) a das opiniões erradas dos mortais;
- 3) a da opinião plausível que se move de modo correto entre as aparências.

Recordemos alguns conceitos-chave.

Na primeira parte do poema (que nos chegou em boa parte) Parmênides fala da via da verdade absoluta, ou seja, da via do ser e, por antítese, da via da absoluta falsidade, que é a via do não-ser, ou seja, a via que percorrem aqueles mortais que crêem que ser e não-ser se misturem de vários modos.

Nesta parte do poema Parmênides pela primeira vez na história do pensamento ocidental enuncia o grande princípio de não-contradição: o ser existe e não pode não ser e o não-ser não existe e não pode ser.

Além disso, evidencia-se como apenas o ser seja pensável e dizível, e como o não-ser seja impensável e indizível.

O ser, assim entendido em sentido integral e unívoco, não pode nascer (porque, de outra forma, derivaria de um não-ser, o que é impossível), não pode perecer (porque, de outra forma, acabaria em um não-ser, que não existe), não tem um passado e um futuro, mas é sempre, é imóvel, é todo igual, é como uma esfera perfeita, portanto, um todo-uno. As coisas de que os homens falam, na realidade, não são mais que nomes vãos.

1. O ser é não-gerado e imperecível

Resta apenas um discurso sobre a via:

que "existe". Sobre esta via há sinais indicadores

bastante numerosos: que o ser é não-gerado e imperecível,

com efeito, é um inteiro no seu conjunto, imóvel e sem fim.

Nem era uma vez, nem será, porque é agora junto todo inteiro,

uno, contínuo. Qual origem, com efeito, dele procurarás?

Como e a partir de onde teria crescido?

Do não-ser não te permito

nem dizê-lo nem pensá-lo, porque não é possível nem dizer nem pensar

que não existe. Que necessidade o teria forçado

a nascer, depois ou antes, se derivasse do nada?

Por isso é necessário que exista por inteiro, ou que não exista por nada.

É nem a partir do ser concederá a força de uma certeza

que nasça alguma coisa que esteja ao lado dele. Por esta razão nem o nascer

nem o perecer a Justiça concedeu a ele, libertando-o das cadeias,

mas firmemente o retém. A decisão sobre tais coisas está nisto:

"existe" ou "não existe". Portanto, decidiu-se, como é necessário,

que uma via se deve deixar, enquanto é impensável e inexprimível,

porque não da verdade é a via,

ao passo que a outra é, e é verdadeira.

É como o ser poderia existir no futuro? É como poderia ter nascido?

Com efeito, se nasceu, não existe; e ele nem existe, caso devesse existir no futuro.

Portanto, o nascimento se apaga e a morte permanece ignorada.

2. O ser é indivisível e todo igual

É nem é divisível, porque é todo inteiro igual;

nem existe de alguma parte algo a mais que possa impedi-lo de ser unido,

nem existe algo de menos, mas é todo inteiro pleno de ser.

Por isso é todo inteiro contínuo: o ser, com efeito, se liga ao ser.

3. O ser é imóvel e de nada carece

Mas imóvel, nos limites de grandes ligações
é sem um princípio e sem um fim, pois nascimento e morte
foram expulsos para longe e uma verdadeira certeza os rejeita.
E permanecendo idêntico e no idêntico, em si mesmo jaz,
e deste modo aí permanece, firme. Com efeito, necessidade inflexível
o mantém nas ligações do limite, que o encerra por todo lado,
pois foi estabelecido que o ser não fique sem realização:
com efeito, ele de nada carece; caso contrário, de tudo careceria.

4. Coincidência de ser e pensamento

O mesmo é o pensar e aquilo por causa do qual existe o pensamento,
porque sem o ser no qual é expresso,
não encontrarás o pensar. Com efeito, nada mais existe ou existirá
fora do ser, pois a Sorte o vinculou
a ser um inteiro e imóvel. Por isso serão nomes todas
as coisas que os mortais estabeleceram, convictos de que fossem verdadeiras:
nascer e perecer, ser e não-ser,
trocar de lugar e mudar luminosa cor.

5. O ser e a figura da esfera

Além disso, por haver um limite extremo, ele é realizado
por toda parte, semelhante a massa de bem redonda esfera,
a partir do centro igual em toda parte: com efeito, nem de algum modo maior
nem de algum modo menor é necessário que seja, de uma parte ou da outra.
Nem, com efeito, existe um não-ser que possa impedi-lo de chegar
ao igual, nem é possível que o ser seja do ser
mais de uma parte e menos da outra, porque é um todo inviolável.
Com efeito, igual em toda parte, de modo igual está em seus confins.

Parmênides, *Poema sobre a natureza*, fr. 8.



*Estas moedas de prata remonçam.
Representam um leão que morde a cauda.*